

PAUL AUSTER

4 3 2 1

*Tradução*  
Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Paul Auster  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

4 3 2 1

*Capa*

Elisa von Randow

*Preparação*

Livia Deorsola

*Revisão*

Jane Pessoa

Huendel Viana

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre leles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Auster, Paul  
4 3 2 1 / Paul Auster ; tradução Rubens Figueiredo. — 1ª ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: 4 3 2 1  
ISBN: 978-85-359-3109-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-14335

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Siri Hustvedt*

## 1.0

Segundo a lenda da família, o avô de Ferguson partiu a pé de sua cidade natal, Minsk, com cem rublos costurados no forro do paletó, viajou para o oeste, rumo a Hamburgo, passando por Varsóvia e Berlim, e depois comprou uma passagem num navio chamado *Imperatriz da China*, que atravessou o Atlântico debaixo de brutais tempestades de inverno e chegou ao porto de Nova York no primeiro dia do século xx. Enquanto esperava para ser entrevistado por um funcionário do serviço de imigração na ilha Ellis, entabulou conversa com um colega judeu russo. O homem lhe disse: *Esqueça o nome Reznikoff. Não vai servir de nada para você aqui. Você precisa de um nome americano para a sua vida nova nos Estados Unidos, alguma coisa com um bom toque americano.* Como, em 1900, o inglês ainda era uma língua estranha para Isaac Reznikoff, ele pediu uma sugestão a seu compatriota, mais velho e mais experiente. *Diga a eles que você é Rockefeller*, disse o homem. *Assim, não pode dar errado.* Passou uma hora, depois mais uma hora e, quando Reznikoff, de dezenove anos, sentou-se para ser interrogado pelo funcionário do serviço de imigração, tinha esquecido o nome que o homem havia sugerido. *Qual seu nome?*, perguntou o funcionário. Depois de dar um tapa de frustração na cabeça, o esgotado imigrante exclamou em iídiche: *Ikh hob fargessen!* (Eu esqueci!) E foi assim que Isaac Reznikoff começou sua vida nova nos Estados Unidos como Ichabod Ferguson.

Ele passou maus bocados, sobretudo no início, mas mesmo depois, quando já não era mais o início, nada corria do jeito que tinha imaginado em

seu país adotivo. É verdade que conseguiu arranjar uma esposa assim que completou vinte e seis anos, e também é verdade que essa esposa, Fanny, cujo sobrenome de solteira era Grossman, lhe deu três filhos vigorosos e saudáveis, mas a vida nos Estados Unidos continuou a ser uma luta para o avô de Ferguson, desde o dia em que desembarcou do navio até a noite de 7 de março de 1923, quando encontrou uma morte prematura e inesperada, aos quarenta e dois anos de idade — morto por um tiro, num assalto, no depósito de artigos de couro em Chicago, onde estava empregado como vigia noturno.

Nenhuma foto dele sobreviveu, mas, segundo todos os relatos, era um homem grande, de costas fortes e mãos enormes, sem instrução, sem qualificação, o mais completo exemplo do simplório ignorante. Em sua primeira tarde em Nova York, esbarrou com um vendedor ambulante que apregoava as maçãs mais vermelhas, redondas e perfeitas que ele já tinha visto. Incapaz de resistir, comprou uma e mordeu com sofreguidão. Em vez da doçura que esperava, o gosto era amargo e esquisito. Pior ainda, a maçã era enjoativamente mole e, depois que os dentes atravessaram a pele, o interior da fruta se derramou pela frente de seu casaco, no esguicho de um líquido vermelho claro, pontilhado por uma porção de caroços iguais a bolinhas. Esse foi seu primeiro gosto de Nova York, seu primeiro encontro, para nunca mais esquecer, com um tomate de Jersey.

Portanto, não um Rockefeller, mas um trabalhador braçal de ombros largos, um gigante judeu com um nome absurdo e um par de pés indóceis, que tentou a sorte em Manhattan e no Brooklyn, em Baltimore e em Charleston, em Duluth e em Chicago, que arranjou diversos empregos: estivador, marinheiro num navio-petroleiro dos Grandes Lagos, treinador de animais num circo itinerante, operário de uma linha de montagem numa fábrica de latinhas, motorista de caminhão, cavador de valas, vigia noturno. Apesar de todo seu esforço, nunca recebeu mais do que tostões e mixarias e, assim, as únicas coisas que o pobre Ike Ferguson deixou de herança para a esposa e os três filhos foram as histórias que contava para eles, das aventuras errantes de sua juventude. Ao longo da vida, as histórias não valem menos do que o dinheiro, mas no calor da hora elas têm limitações decisivas.

A empresa de artigos de couro fez um pequeno acordo com Fanny para compensar a perda do marido e, depois, ela foi embora de Chicago com os filhos, mudou-se para Newark, em Nova Jersey, a convite de parentes de Ike, que lhe deram um apartamento no último andar da casa deles, em Central Ward, em troca de um aluguel mensal simbólico. Os filhos tinham catorze, doze e nove anos. Louis, o mais velho, desde muito tempo, tinha passado a se chamar Lew. Aaron, o do meio, passara a se chamar Arnold, depois de uma das muitas surras que levava no pátio da escola, em Chicago, e Stanley, de

nove anos, era conhecido como Sonny. Para conseguir se sustentar, a mãe lavava e remendava roupa para fora, mas em pouco tempo os meninos já estavam contribuindo também para as finanças de casa, todos tinham um trabalho depois da escola, todos entregavam para a mãe cada centavo que ganhavam. Os tempos eram difíceis e a ameaça da privação enchia os cômodos do apartamento como uma neblina densa e ofuscante. Não havia escapatória para o medo e, pouco a pouco, os três meninos assimilaram as sombrias conclusões ontológicas da mãe sobre o sentido da vida. Trabalhe ou morra de fome. Trabalhe ou fique sem teto. Trabalhe ou morra. Para os Ferguson, a ideia imbecil de “todos por um e um por todos” não existia. Em seu mundinho, era “todos por todos ou nada”.

Ferguson não tinha nem dois anos quando sua avó morreu, o que significa que não guardou nenhuma lembrança consciente dela, porém, segundo a lenda da família, Fanny era uma mulher difícil e volúvel, dada a violentos ataques de gritos e a desvairados acessos de choro incontrolável, batia nos filhos com vassouradas, sempre que se portavam mal, e era impedida de entrar em certas lojas do bairro por causa de suas reclamações escandalosas sobre os preços. Ninguém sabia onde tinha nascido, mas diziam que ela havia chegado a Nova York aos catorze anos, órfã, e passara alguns anos num sótão sem janelas no Lower East Side, confeccionando chapéus. O pai de Ferguson, Stanley, raramente falava dos pais para o filho; respondia às perguntas do menino com as mais vagas e curtas palavras de discrição, e quaisquer migalhas de informação que o jovem Ferguson conseguia obter sobre seus avós paternos vinham quase exclusivamente de sua mãe, Rose, durante muitos anos, a mais jovem das três cunhadas de Ferguson, da segunda geração, que, por sua vez, havia recebido a maioria de suas informações de Millie, esposa de Lew, mulher com um fraco pela fofoca, casada com um homem muito menos discreto e muito mais falante do que Stanley ou Arnold. Quando Ferguson tinha dezoito anos, sua mãe contou para ele uma das histórias de Millie, apresentada como nada mais do que um boato, mera conjectura destituída de fundamento, que talvez pudesse ser verdade — mas também poderia não ser. Segundo Lew havia contado para Millie, ou Millie dizia que Lew havia contado, existia um quarto filho de Ferguson, uma menina nascida três ou quatro anos depois de Stanley, no período em que a família morava em Duluth e Ike procurava emprego como marinheiro num navio dos Grandes Lagos, um período em que a família viveu numa pobreza extrema, e como Ike estava embarcado quando Fanny deu à luz, e como estavam em Minnesota e a estação era o inverno, um inverno especialmente gélido, num lugar especialmente frio, e como a casa em que moravam era aquecida por uma única estufa à lenha, e como, na ocasião, havia tão pouco dinheiro que Fanny e os meninos se viram

reduzidos a viver com só uma refeição por dia, a ideia de ter de cuidar de mais uma criança encheu Fanny de tamanho pavor que ela afogou na banheira a filha recém-nascida.

Se Stanley contava para o filho muito pouco sobre os pais, pouco dizia também sobre si mesmo. Assim, era difícil para Ferguson formar uma imagem clara de como tinha sido seu pai, quando criança, quando adolescente, quando jovem ou quando qualquer coisa, até se casar com Rose, dois meses antes de completar trinta anos. No entanto, a partir de comentários de passagem que às vezes escapavam dos lábios do pai, Ferguson conseguiu entender pelo menos isto: Stanley, muitas vezes, sofria provocações e maus-tratos na mão dos irmãos mais velhos; como era o caçula e, portanto, aquele que havia passado a menor parte da infância com o pai vivo, Stanley era o mais ligado a Fanny; ele foi um estudante aplicado e, de longe, o melhor atleta entre os três irmãos; jogou de ponta no time de futebol americano e correu os quatrocentos metros rasos na equipe de corrida do colégio Central High; seu talento para a eletrônica o levou a abrir uma oficinazinha de conserto de rádios, no verão seguinte à sua formatura no ensino médio, em 1932 (*um buraco no muro na Academy Street, no centro de Newark, era como ele descrevia a oficina, do tamanho de uma bancada de engraxate*); seu olho direito sofreu uma lesão durante um dos acessos de vassouradas da mãe, quando ele tinha onze anos (ficou parcialmente cego e, assim, foi rejeitado para o serviço militar, na Segunda Guerra Mundial); desprezava o apelido Sonny e o abandonou no instante em que saiu do colégio; adorava dançar e jogar tênis; nunca disse nenhuma palavra contra os irmãos, por mais que o tratassem de forma estúpida ou desdenhosa; seu trabalho infantil depois do horário da escola era entregar jornais; pensou seriamente em estudar direito, mas abandonou a ideia por falta de recursos; aos vinte e poucos anos, tinha fama de conquistador e namorou uma porção de judias jovens, sem a menor intenção de se casar; fez várias excursões a Cuba na década de 30, quando Havana era a capital do pecado do Hemisfério Ocidental; sua maior ambição na vida era ser milionário, um homem tão tico quanto Rockefeller.

Lew e Arnold casaram-se com vinte e poucos anos, ambos decididos a se desvencilhar, o mais depressa possível, do desmiolado ambiente doméstico de Fanny, fugir da monarca esbravejante que havia reinado sobre os Ferguson desde a morte do pai deles, em 1923, mas Stanley, ainda adolescente quando os irmãos saíram de campo, não teve escolha a não ser ficar. Afinal, ele mal havia acabado o ensino médio, mas depois os anos passaram, um depois do outro, durante onze anos, e ele continuou em casa, compartilhando com Fanny, mas sem nenhuma responsabilidade, o mesmo apartamento no último andar, durante o período da Depressão e da primeira metade da guerra,

talvez cravado ali por força da inércia ou da preguiça, talvez motivado por um sentimento de dever ou de culpa em relação à mãe, ou talvez levado por todas essas coisas, o que tornava impossível, para ele, imaginar-se morando em outro lugar. Lew e Arnold tiveram filhos, mas Stanley parecia contente em ficar namorando à vontade, consumindo o estoque de suas energias na transformação de seu pequeno negócio num negócio maior, e como não demonstrava a menor inclinação para casar, mesmo quando, de baile em baile, passou dos vinte e poucos aos vinte e muitos e se aproximou da casa dos trinta anos, parecia haver pouca dúvida de que ia continuar solteiro pelo resto da vida. Então, em outubro de 1943, menos de uma semana depois de o Quinto Exército Americano resgatar Nápoles dos alemães, no meio daquele período esperançoso em que a guerra estava, finalmente, começando a virar a favor dos aliados, Stanley conheceu Rose Adler, de vinte e um anos, em Nova York, num encontro às cegas, e todo o encanto de uma longa vida de solteiro morreu, de morte rápida e permanente.

Ela era tão bonita, a mãe de Ferguson, tão fascinante com seus olhos verde-acinzentados e com seu cabelo castanho e comprido, tão espontânea e viva, e de sorriso fácil, tão deliciosamente desenhada ao longo da altura de um metro e setenta destinada à sua pessoa, que Stanley, ao apertar a mão dela pela primeira vez, o distante e normalmente desapegado Stanley, o Stanley de vinte e nove anos que nunca tinha sido chamuscado pelo fogo do amor, sentiu-se desintegrar na presença de Rose, como se todo o ar tivesse sido sugado dos pulmões e ele nunca mais fosse capaz de respirar.

Ela também era filha de imigrantes, o pai tinha nascido em Varsóvia e a mãe, em Odessa, os dois vieram para os Estados Unidos com menos de três anos de idade. Portanto, os Adler eram uma família mais integrada do que os Ferguson, e o jeito de falar dos pais de Rose nunca apresentou o menor sinal de sotaque estrangeiro. Eles foram criados em Detroit e em Hudson, no estado de Nova York, e o iídiche, o polonês e o russo dos pais deles deram lugar a um inglês fluente e idiomático, ao passo que o pai de Stanley havia brigado muito para dominar sua segunda língua, até o dia em que morreu, e ainda naquela altura, em 1943, depois de quase meio século de afastamento de suas origens na Europa Oriental, sua mãe ainda lia o jornal *Jewish Daily Forward*, em vez dos jornais americanos, e se exprimia num linguajar esquisito e embaralhado, que os filhos chamavam de inglídiche, um patoá quase incompreensível, que misturava inglês e iídiche em quase todas as frases que escapavam de sua boca. Essa era uma diferença fundamental entre Rose e os pais de Stanley. Porém, até mais importante do que o fato de seus pais terem se adaptado muito ou pouco à vida americana, havia a questão da sorte. Os pais e os avós de Rose conseguiram escapar às brutais reviravoltas que se abateram so-



bre os desafortunados Ferguson e por isso sua história não incluía nenhum assassinato num assalto a um depósito, nenhuma pobreza que beirasse o desespero ou a morte por inanição, nenhum bebê afogado na banheira. O avô de Detroit foi alfaiate, o avô de Hudson foi barbeiro e, ainda que cortar cabelo e cortar roupas não fossem o tipo de trabalho que conduzisse alguém por um caminho que leva à riqueza e ao sucesso mundano, forneciam uma renda estável o suficiente para pôr comida na mesa e roupa para proteger os filhos.

O pai de Rose, Benjamin, conhecido ora por Ben ora por Benjy, partiu de Detroit um dia depois de se formar no ensino médio, em 1911, e foi para Nova York; um parente distante havia lhe garantido um emprego de vendedor numa loja de roupas no centro da cidade, porém o jovem Adler desistiu do emprego duas semanas depois, ciente de que o destino reservado para ele não era dissipar seu curto tempo na Terra vendendo meias e cuecas masculinas e, trinta e dois anos mais tarde, depois de uma série de ocupações avulsas, como vendedor de produtos de limpeza de porta em porta, distribuidor de discos para gramofone, soldado na Primeira Guerra Mundial, vendedor de carros e coproprietário de uma revenda de carros usados no Brooklyn, agora ele ganhava a vida como um dos três sócios minoritários de uma empresa imobiliária em Manhattan, com uma receita grande o suficiente para que a família mudasse de Crown Heights, no Brooklyn, para um prédio novo na rua 58 Oeste, em 1941, seis meses antes de os Estados Unidos entrarem na Guerra.

Segundo o que foi contado para Rose, os pais dela se conheceram num piquenique de domingo, no norte do estado de Nova York, num local não distante da casa de sua mãe, em Hudson, e após meio ano (novembro de 1919), os dois se casaram. E, como Rose confessou para o filho mais tarde, o casamento sempre a deixara intrigada, pois poucas vezes na vida tinha visto duas pessoas menos compatíveis do que seus pais, e o fato de o casamento ter perdurado por mais de quatro décadas era, sem a menor dúvida, um dos maiores mistérios nos anais da vida conjugal da humanidade. Benjy Adler era um sabichão elegante e de fala ligeira, um malandro cheio de esquemas, com cem planos no bolso, bom contador de anedotas, sempre a fim de se dar bem e sempre no centro das atenções, e lá estava ele naquela tarde de domingo, no interior do estado de Nova York, se apaixonando por uma tímida mocinha que ninguém convidava para dançar, chamada Emma Bromowitz, uma garota redonda, de peito grande, vinte e três anos, com a pele branca mais pálida do mundo e uma volumosa coroa de cabelo vermelho, tão virginal, tão inexperienced, de ar tão vitoriano que bastava olhar para ela para logo concluir que seus lábios nunca tinham sido tocados por um homem. Não fazia nenhum sentido que os dois se casassem, todos os sinais indicavam que estavam fadados a uma vida de conflito e desentendimento, mas se casaram de fato e,

embora Benjy tenha tido dificuldades para se manter fiel a Emma depois que suas filhas nasceram (Mildred em 1920, Rose em 1922), ele permaneceu unido a ela afetivamente, e Emma, embora enganada muitas vezes, nunca foi capaz de se voltar contra o marido.

Rose adorava a irmã mais velha, mas não se podia dizer que o contrário era verdade, pois a primogênita Mildred aceitara naturalmente o lugar que Deus lhe dera de princesa do lar, e a pequena rival que havia entrado em cena teria de aprender — muitas vezes repetidas, se necessário — que só existia um trono no apartamento de Adler, na Franklin Avenue, um trono e uma princesa, e qualquer tentativa de usurpar esse lugar seria recebida com uma declaração de guerra. Isso não quer dizer que Mildred fosse explicitamente hostil a Rose, mas suas bondades eram medidas em conta-gotas, não mais do que uma dose de bondade por minuto, hora ou mês, e sempre na condição de conter um toque de condescendência arrogante, como convinha a uma pessoa de seu gabarito real. A fria e circunspecta Mildred; a afetuosa e sentimental Rose. Quando as meninas tinham doze e dez anos, já estava claro que Mildred tinha uma inteligência excepcional, que seu sucesso na escola era resultado não só de aplicação nos estudos como de talentos intelectuais superiores e, ainda que Rose fosse bastante inteligente e tirasse notas perfeitamente dignas, não passava de uma aluna qualquer, em comparação com a irmã. Sem compreender seus motivos, sem pensar conscientemente nenhuma vez sobre isso ou formular um plano, Rose, aos poucos, parou de competir nos termos de Mildred, pois sabia instintivamente que tentar emular a irmã só poderia terminar em fracasso e que, portanto, se houvesse alguma esperança para ela, estaria em travar luta num terreno diferente.

Descobriu a solução no trabalho, na tentativa de consolidar um lugar para si ganhando seu próprio dinheiro e, quando fez catorze anos e tinha idade suficiente para tirar os documentos que lhe permitissem trabalhar, arranjou seu primeiro emprego, que rapidamente a levou a uma série de outros empregos e, quando fez dezesseis anos, tinha emprego fixo de dia e frequentava o ensino médio à noite. Não importava que Mildred se recolhesse ao claustro do seu cérebro entupido de livros, não importava que partisse a todo vapor para a faculdade e lesse todos os livros escritos nos últimos dois mil anos, o que Rose queria, aquilo que mais fazia sentido para Rose, era o mundo real, o corre-corre e o barulho das ruas de Nova York, a sensação de se manter de pé sozinha e de abrir seu próprio caminho. Como as heroínas atrevidas, de raciocínio rápido, nos filmes que via duas ou três vezes por semana, o interminável batalhão de filmes de estúdio estrelados por Claudette Colbert, Barbara Stanwyck, Ginger Rogers, Joan Blondell, Rosalind Russell e Jean Arthur, ela representava a figura da jovem e determinada profissional,

e abraçava o papel como se estivesse vivendo um filme estrelado por ela mesma, *A história de Rose Adler*, um filme comprido, infinitamente complexo, que ainda estava em seu primeiro rolo, mas que prometia coisas tremendas nos anos vindouros.

Quando conheceu Stanley, em outubro de 1943, havia dois anos que ela trabalhava com um fotógrafo retratista chamado Emanuel Schneiderman, cujo estúdio ficava na rua 27 Oeste, perto da Sexta Avenida. Rose começou como recepcionista-secretária-contadora, mas quando o assistente fotográfico de Schneiderman entrou no Exército, em junho de 1942, Rose ocupou seu lugar. Na época, o velho Schneiderman tinha sessenta e poucos anos, era um imigrante judeu alemão que viera para Nova York, com esposa e dois filhos, depois da Primeira Guerra Mundial, homem taciturno, dado a ataques de irritação e a palavras francamente ofensivas, mas com o tempo ele adquiriu um carinho ciumento pela linda Rose e, como tinha consciência de que ela observava atentamente seu modo de trabalhar desde os primeiros dias no estúdio, resolveu adotá-la como aprendiz-assistente e ensinar o que sabia sobre câmeras, iluminação e revelação de filmes — toda a arte e a técnica de seu ofício. Para Rose, que até então nunca soubera em que direção estava indo, que havia trabalhado em diversos serviços de escritório apenas por causa do salário, ou pouco mais do que isso, ou seja, sem nenhuma esperança de encontrar satisfação interior, veio a impressão de que, de repente, havia encontrado uma vocação — aquele não era apenas mais um emprego, e sim uma nova maneira de estar no mundo: olhar no rosto dos outros, mais rostos todos os dias, rostos diferentes todas as manhãs e tardes, cada rosto diferente de todos os outros, e em pouco tempo Rose entendeu que adorava aquele trabalho de olhar para os outros e que ela nunca, nunca iria se cansar de fazer aquilo.

Stanley, agora, trabalhava em colaboração com os irmãos, os dois tinham sido dispensados do serviço militar (pé chato e visão ruim) e, depois de algumas reinvenções e ampliações, a pequena oficina de conserto de rádios começou a crescer, em 1932, para se tornar uma espaçosa loja de móveis e utilidades domésticas na Springfield Avenue, que oferecia todas as iscas e truques do varejo contemporâneo americano: planos de prestações de longo prazo, ofertas de compre dois e leve três, vendas de arromba semestrais, serviço de atendimento a recém-casados e vendas especiais do Dia da Bandeira. O primeiro a se juntar a ele foi Arnold, o desastrado irmão do meio, não muito inteligente, que tinha perdido alguns empregos de vendedor e estava passando maus bocados para sustentar a esposa, Joan, e os três filhos. Alguns anos depois disso, Lew também se juntou a eles, não porque tivesse interesse em móveis ou utilidades domésticas, mas porque Stanley tinha saldado as dívidas do mais velho no jogo, pela segunda vez em cinco anos, e o obrigou a fazer par-

te do negócio como prova de boa-fé e arrependimento, deixando claro que, a qualquer sinal de relutância da parte de Lew, ele nunca mais na vida veria nenhum centavo do irmão. Assim nasceu a empresa conhecida como Mundo do Lar Três Irmãos, no fundo, sob a direção de apenas um irmão, Stanley, o mais jovem e mais ambicioso dos filhos de Fanny, o qual, por força de alguma convicção perversa, porém inatacável, de que a lealdade familiar superava todos os outros atributos humanos, havia de bom grado assumido o fardo de apoiar os dois irmãos fracassados, que exprimiam sua gratidão chegando sempre atrasados para o trabalho, surrupiando notas de dez e vinte do caixa toda vez que seus bolsos estavam vazios e, nos meses quentes, escapulindo depois do almoço para jogar golfe. Se Stanley ficava aborrecido com o comportamento dos irmãos, nunca reclamava, pois as leis do universo proibiam reclamar de irmãos e, ainda que os lucros do Mundo do Lar fossem um tanto inferiores ao que seriam sem o ônus dos salários de Lew e Arnold, o negócio andava de vento em popa e, depois que a guerra terminasse, dali a um ou dois anos, o cenário ficaria ainda mais formidável, pois nessa altura chegaria a televisão e os irmãos seriam os primeiros do bairro a vender televisores. Não, Stanley não era ainda um homem rico, mas sua renda vinha crescendo de maneira contínua já fazia algum tempo e, quando conheceu Rose naquela noite de outubro de 1943, ele tinha certeza de que tempos melhores ainda estavam por vir.

Ao contrário de Stanley, Rose já havia sido queimada pela chama de um amor apaixonado. Se não fosse a guerra, que havia tomado dela esse amor, os dois jamais teriam se conhecido, pois Rose já teria se casado com outro, muito tempo antes daquela noite de outubro. Mas o jovem de quem ela era noiva, David Raskin, estudante de medicina nascido no Brooklyn, que havia entrado na vida de Rose quando ela ainda tinha dezessete anos, morreu numa explosão acidental durante um treinamento elementar em Forte Benning, na Geórgia. A notícia chegou em agosto de 1942 e, por muitos meses, Rose ficou de luto, entorpecida e ressentida, vazia, sem esperança, meio enlouquecida pela dor, rogando pragas contra a guerra, gritando com a boca enfiada no travesseiro, de noite, incapaz de se reconciliar com o fato de que David nunca mais tocaria nela. A única coisa que a mantinha de pé durante aqueles meses era seu trabalho com Schneiderman, que trazia algum consolo, algum prazer, alguma razão para sair da cama de manhã; no entanto Rose não tinha apetite nenhum para a vida social e nenhum interesse em encontrar outros homens, o que reduzia sua vida à mera rotina de trabalho e casa, além de idas ao cinema com a amiga Nancy Fein. Pouco a pouco, porém, sobretudo nos últimos dois ou três meses, começou gradualmente a ser como era antes, redescobriu que a comida tinha sabor quando a colocava na boca, por exemplo,

e que quando a chuva caía na cidade, não caía só para ela, que todo homem, mulher e criança tinha de pular por cima das mesmas poças. Não, ela nunca se recuperaria da morte de David, ele seria para sempre o fantasma secreto que andava a seu lado enquanto Rose avançava aos trambolhões para o futuro, mas, aos vinte e um anos, ela ainda era jovem demais para dar as costas ao mundo e, a menos que fizesse um esforço para entrar de novo naquele mundo, sabia que ia definhando e morrer.

Quem marcou o encontro entre Rose e Stanley, dois desconhecidos, foi Nancy Fein, a cáustica, mordaz Nancy, de dentes grandes e braços magrículos, a melhor amiga de Rose desde os tempos de infância, em Crown Heights. Nancy conheceu Stanley num baile de fim de semana em Catskills, uma daquelas festas entupidas de gente no Brown's Hotel para os jovens judeus desimpedidos da cidade em busca de namorados, *o mercado de carne kasher*, como dizia Nancy, e embora a própria Nancy não estivesse em busca de namorado nenhum (era noiva de um soldado que fora para o Pacífico e que, até onde se sabia, continuava entre os vivos), tinha ido lá com uma amiga só para se distrair e acabou dançando duas ou três vezes com *um cara de Newark chamado Stanley*. Ele queria vê-la de novo, disse Nancy, mas depois que ela contou que já havia prometido sua virgindade a outra pessoa, ele sorriu, fez uma pequena reverência cômica com a cabeça e já estava prestes a ir embora quando Nancy começou a falar de sua amiga Rose, Rose Adler, *a garota mais linda deste lado do rio Danúbio e a pessoa mais gentil de qualquer lado de qualquer rio*. Eram esses os sentimentos sinceros de Nancy em relação a Rose e, quando Stanley entendeu que ela estava falando sério, respondeu que gostaria de conhecer sua amiga. Nancy pediu desculpas à amiga por ter mencionado seu nome, mas Rose apenas deu de ombros, ciente de que Nancy não tinha feito por mal, e depois perguntou: Bem, mas que tal é ele? Nas palavras de Nancy, Stanley Ferguson tinha mais ou menos um metro e oitenta de altura, boa aparência, um pouquinho velho (pois ter quase trinta já era ser velho aos seus olhos de vinte e um anos de idade), era dono de seu próprio negócio e parecia estar indo bem, charmoso, educado e muito bom dançarino. Depois de assimilar essas informações, Rose ficou em silêncio por alguns momentos, ponderando se estava disposta a encarar o desafio de encontrar um desconhecido, e então, no meio dessas reflexões, de repente lhe ocorreu que David tinha morrido fazia mais de um ano. Gostasse disso ou não, tinha chegado a hora de entrar em campo outra vez. Olhou para Nancy e disse: Acho que eu devia dar uma olhada nesse Stanley Ferguson, não acha?

Anos depois, quando Rose contou para o filho os acontecimentos daquela noite, omitiu o nome do restaurante onde ela e Stanley se encontraram para jantar. Todavia, se a memória não o enganava, Ferguson achava que ti-

nha sido em algum lugar no centro de Manhattan, não sabia se no East Side ou no West Side, mas era um restaurante chique, com toalhas de mesa e garçons de gravata-borboleta e paletó preto e curto, o que significava que Stanley havia decidido, de forma consciente, impressionar Rose, provar que tinha dinheiro para pagar extravagâncias como aquela sempre que quisesse e, sim, ela achou Stanley fisicamente atraente, ficou impressionada com a leveza com que se postava de pé, com a graça e a fluidez de seu corpo em movimento, mas também com suas mãos — ela notou isso logo de saída —, sem falar dos olhos serenos e sem agressividade que nunca paravam de olhar para ela, olhos castanhos, nem grandes nem pequenos e, por cima deles, as sobrancelhas espessas e negras. Sem consciência do impacto monumental que ela havia produzido em seu companheiro de jantar, o aperto de mão que acarretou a completa desintegração do ser interior de Stanley, Rose ficou um pouquinho chocada de ver como ele falou pouco durante a primeira parte do jantar e, portanto, o tomou por uma pessoa extraordinariamente tímida, o que, estritamente falando, não era o caso. Como ela mesma estava nervosa e como Stanley continuava ali, parado e em silêncio a maior parte do tempo, Rose acabou falando pelos dois, o que vale dizer que falou demais e, à medida que os minutos passavam lentamente, ela foi ficando cada vez mais apavorada consigo mesma, por tagarelar como uma linguaruda de miolo mole, contando vantagem sobre a irmã, por exemplo, dizendo para ele que Mildred era uma aluna brilhante, *summa cum laude* no Hunter College no mês de junho anterior, e agora estava matriculada na pós-graduação em Columbia, a única mulher no Departamento de Inglês, um dos três únicos judeus, imagine como a família está orgulhosa, e bastou mencionar a família para que, dali a pouco, Rose começasse a falar de seu tio Archie, irmão caçula de seu pai, Archie Adler, o pianista do Downtown Quintet, que naquela altura estava tocando no Moe's Hideout, na rua 52, e como era estimulante ter um músico na família, um artista, um renegado que pensava em outras coisas além de ganhar dinheiro, sim, ela adorava seu tio Archie, era de longe seu parente predileto, e depois, de forma inevitável, Rose passou a falar de seu trabalho com Schneiderman, enumerou todas as coisas que ele havia ensinado para ela no ano e meio anterior, o raivoso, o desbocado Schneiderman, que a levava ao Bowery nas tardes de domingo para catar velhos bêbados e vagabundos, criaturas destroçadas, com suas barbas brancas e cabelo branco e comprido, cabeças majestosas, cabeças de profetas e reis ancestrais, e Schneiderman dava dinheiro para eles irem ao estúdio e posarem para sua câmera, em geral com fantasias; os velhos vestiam turbantes, mantos e túnicas de veludo, da mesma forma que Rembrandt vestia os pés-rapados da Amsterdam do século XVII, e era essa a luz que usavam com aqueles homens, a luz de Rembrandt,

claro e escuro ao mesmo tempo, sombra profunda, tudo sombra, com o mais ligeiro toque de luz, e agora Schneiderman tinha confiança nela o bastante para deixar que cuidasse sozinha da iluminação. Rose tinha feito sozinha dúzias daquelas fotografias, e então usou a palavra “chiaroscuro” e percebeu que Stanley não tinha a menor ideia do que ela estava falando, que poderia muito bem estar falando japonês que, para Stanley, não fazia a menor diferença, no entanto ele não parava de olhar para ela, de escutar o que dizia, extasiado e mudo, fulminado por um raio.

Foi um desempenho deplorável, ela achou, e constrangedor. Felizmente o monólogo foi interrompido pela chegada do prato principal, que lhe deu alguns momentos para organizar as ideias e, na hora em que eles começaram a comer (pratos desconhecidos), Rose estava calma o bastante para se dar conta de que seu falatório fora do comum tinha servido de proteção para impedir que ela falasse de David, pois aquele era o único assunto de que não queria falar, não admitiria falar, e portanto tinha enveredado por longas e ridículas digressões só para não expor sua ferida. Stanley Ferguson não tinha nada a ver com aquilo. Parecia um homem decente, e não era sua culpa ter sido recusado pelo Exército, estar sentado naquele restaurante em trajes civis muito bem cortados, em vez de se arrastar no meio da lama em algum campo de batalha distante ou ser feito em pedacinhos por uma bomba durante um treinamento elementar. Não, não era sua culpa, e Rose teria de ser uma pessoa sem nenhum coração para condená-lo por ter sido poupado e, no entanto, como não fazer a comparação, como não se indagar por que aquele homem tinha de estar vivo e David tinha de estar morto?

Apesar de tudo, o jantar correu razoavelmente bem. Depois que Stanley se recuperou do choque inicial e foi capaz de respirar outra vez, provou ser um tipo amável, não cheio de si, como eram tantos homens, mas atencioso e de boas maneiras, com uma sagacidade que não chegava a ser fulgurante, talvez, mas, mesmo assim, alguém receptivo ao humor, que ria quando ela dizia algo ainda que remotamente engraçado, e, quando ele falou de seu trabalho e de seus planos para o futuro, ficou claro para Rose que havia nele algo consistente, confiável. Pena que fosse um homem de negócios sem nenhum interesse por Rembrandt ou por fotografia, mas pelo menos Stanley era a favor de Franklin Delano Roosevelt (essencial) e parecia honesto o bastante para admitir que sabia pouco ou nada sobre muitas coisas, inclusive a pintura do século XVII e a arte de tirar retratos. Rose gostou dele. Achou agradável estar em sua companhia, mas, embora ele tivesse todas ou a maioria das qualidades do que chamavam de um bom partido, Rose entendeu que nunca ia conseguir se apaixonar por ele da maneira como Nancy achou que iria. Depois do jantar, os dois vagaram pelas calçadas do centro da cidade por

meia hora, pararam para tomar um drinque no Moe's Hideout, onde cumprimentaram com a mão o tio Archie, enquanto este dedilhava as teclas do piano (ele respondeu com um sorriso gordo e um piscar de olhos), e então Stanley levou-a de volta, a pé, até o apartamento de seus pais, na rua 58 Oeste. Subiu de elevador com ela, mas Rose não o convidou para entrar. Ao estender o braço para um aperto de mão de boa-noite (habilmente se esquivando de qualquer chance de um beijo prematuro), Rose agradeceu pela noite adorável e depois deu meia-volta, abriu a fechadura da porta e entrou no apartamento, quase certa de que nunca mais o veria.

Para Stanley, foi muito diferente, é claro, com ele tinha sido muito diferente desde o primeiro momento daquele primeiro encontro e, como não sabia nada a respeito de David Raskin e do coração ferido de Rose, imaginou que teria de agir depressa, pois uma garota como Rose não ficaria sozinha por muito tempo, sem dúvida os homens voavam em enxames à sua volta, ela era irresistível, cada partícula da moça era um clamor de graça, beleza e bondade, e pela primeira vez na vida Stanley decidiu fazer o impossível para derrotar a horda crescente dos pretendentes de Rose e conquistá-la para si, uma vez que era aquela a mulher com quem ele tinha decidido se casar, e, se Rose não fosse sua esposa, ninguém mais seria.

Nos quatro meses seguintes, ele a viu com frequência, não a ponto de se transformar num chato, mas de maneira regular, persistente, com foco e determinação inabaláveis, levando a melhor sobre seus imaginados rivais com o que ele imaginava ser uma sagacidade estratégica, mas a verdade é que não havia nenhum rival sério à vista, só dois ou três rapazes que Rose tinha conhecido depois de sair com Stanley, em outubro, porém, esses outros, um a um, ela julgou insatisfatórios, recusou outros convites para vê-los e continuou a dar tempo ao tempo, o que queria dizer que Stanley era um cavaleiro que fazia sua investida num território desimpedido, embora ele visse inimigos fantasmas em toda parte. Os sentimentos de Rose por ele não tinham mudado, mas ela preferia a companhia de Stanley à solidão de seu quarto ou a ficar ouvindo o rádio com os pais, depois do jantar, e assim ela raramente recusava quando ele a convidava para sair de noite, aceitava convites para patinar no gelo, jogar boliche, dançar (sim, ele era um tremendo dançarino), ver um concerto de Beethoven no Carnegie Hall, dois musicais da Broadway e vários filmes. Rapidamente, Rose aprendeu que dramas não produziam nenhum efeito em Stanley (ele cochilou durante *A canção de Bernadette* e *Por quem os sinos dobram*), mas seus olhos invariavelmente permaneciam abertos para as comédias, *Original pecado*, por exemplo, uma anedotazinha saborosa sobre a escassez de moradias no tempo da guerra, em Washington, que fez os dois rirem, estrelado por Joel McCrea (tão bonito) e Jean Arthur (uma das



prediletas de Rose), mas foi algo dito por um dos outros atores que causou a mais forte impressão sobre ela, uma fala de Charles Coburn, no papel de uma espécie de Cupido, sob o disfarce de um velho americano gordo, que ele repetiu várias vezes ao longo do filme: *um tipo alto, distinto, um rapaz bonito* — como se fosse uma fórmula encantatória para exaltar as virtudes do tipo de marido que toda mulher devia querer. Stanley Ferguson era distinto, bonito e ainda relativamente jovem, e se *um tipo alto* significava gracioso, ereto e obediente às leis, Stanley era tudo isso também, porém Rose não estava, de maneira nenhuma, segura de que aquelas eram as virtudes que procurava, não depois do amor que havia compartilhado com o intenso e inconstante David Raskin, que às vezes tinha sido um amor exaustivo, mas vivaz e sempre inesperado em suas formas continuamente mutáveis, ao passo que Stanley parecia tão manso e previsível, tão seguro, que Rose se perguntava se tal firmeza de caráter seria mesmo uma virtude ou um defeito.

Por outro lado, ele não a pressionava, não cobrava beijos que sabia que Rose não estava disposta a dar, muito embora, a essa altura, estivesse nitidamente claro que estava apaixonado por ela e que, toda vez que estavam juntos, ele tinha de lutar para não tocá-la, não beijá-la ou apalpá-la.

Por outro lado, houve aquele dia frio no fim de novembro em que ele apareceu sem avisar no estúdio de Schneiderman e disse que queria seu próprio retrato — feito não por Schneiderman, mas por ela.

Por outro lado, os pais de Rose o aprovaram, Schneiderman o aprovou e até Mildred, a Duquesa do Salão Esnobe, expressou sua opinião favorável ao declarar que poderia ser algo bem pior.

Por outro lado, ele tinha de fato seus momentos inspirados, inexplicáveis intervalos de turbulência, quando algo dentro dele se libertava, temporariamente, e Stanley se transformava num gozador e brincalhão atrevido, como, por exemplo, na noite em que se exibiu para ela, na cozinha do apartamento dos pais de Rose, fazendo malabarismo com três ovos crus, e fez os ovos girar no ar, com velocidade e precisão atordoantes, durante uns bons dois minutos, antes que um deles se esborrachasse no chão, momento em que ele, de propósito, deixou os outros dois se esborracharem também, e pediu desculpas pela sujeira com um mudo encolher de ombros, digno de um comediante, e com uma declaração de uma palavra só: Ops.

Os dois se viam uma ou duas vezes por semana durante aqueles quatro meses e, ainda que Rose não conseguisse entregar seu coração para Stanley da maneira como ele entregava seu coração para ela, Rose era grata a ele por tê-la levantado do chão e tê-la colocado, novamente, sobre os próprios pés. Se não houvesse nada de novo, Rose ficaria contente de prosseguir assim por um tempo; no entanto, na hora em que começava a se sentir à vontade com ele,

a apreciar o jogo em que os dois se entretinham, Stanley, abruptamente, mudou as regras.

Era o fim de janeiro de 1944. Na Rússia, o sítio de novecentos dias de Leningrado tinha terminado havia pouco tempo; na Itália, os aliados estavam bloqueados pelos alemães em Monte Cassino; no Pacífico, as tropas americanas estavam prestes a desencadear um ataque nas Ilhas Marshall; e no front doméstico, na beira do Central Park, na cidade de Nova York, Stanley pediu Rose em casamento. Um radiante sol de inverno ardia no alto, o céu sem nuvens era uma profunda e cintilante lâmina azul, o azul cristalino que engole Nova York só em certos dias de janeiro, e naquela tarde ensolarada de domingo, a milhares de quilômetros da matança e do banho de sangue da guerra interminável, Stanley disse para Rose que o casamento ou nada, que ele a adorava, que nunca havia sentido aquilo por ninguém, que toda a forma de seu futuro dependia dela e, se ela o rejeitasse, ele nunca mais a veria, a ideia de voltar a vê-la seria simplesmente demais para ele e, portanto, ele desapareceria de sua vida para sempre.

Rose pediu uma semana. Foi tudo tão repentino, disse, tão inesperado, ela precisava de um tempo para pensar. Claro, disse Stanley, tire uma semana para pensar, ele iria procurá-la no domingo seguinte, dali a uma semana, e depois, na hora em que se despediram, parados na entrada do parque na rua 59, os dois se beijaram pela primeira vez e, pela primeira vez desde que se conheceram, Rose viu lágrimas brilharem nos olhos de Stanley.

O resultado, é claro, foi escrito muito tempo atrás. Não só aparece num verbete da edição autorizada e abrangente do *Livro da vida terrestre*, como também pode ser visto no Arquivo Público de Manhattan, onde os livros de registro nos informam que Rose Adler e Stanley Ferguson se casaram no dia 6 de abril de 1944, exatamente dois meses antes de os Aliados invadirem a Normandia. Sabemos o que Rose decidiu, portanto, mas como e por que chegou à sua decisão foi uma questão complicada. Estão envolvidos numerosos elementos, todos trabalhavam em acordo e em oposição uns com os outros, e, como ela estava em dúvida quanto a todos eles, aquela foi uma atormentada semana de provações para a futura mãe de Ferguson. Primeiro: ciente de que Stanley era um homem de palavra, Rose rechaçava a ideia de nunca mais voltar a vê-lo. Bem ou mal, depois de Nancy, agora ele era seu melhor amigo. Segundo: Rose já tinha vinte e um anos, ainda jovem o bastante para de fato ser considerada jovem, mas não tão jovem quanto a maioria das noivas daquele tempo, pois não era raro que as meninas pusessem o vestido de noiva aos dezoito ou dezenove anos, e a última coisa que Rose desejava era ficar para tia. Terceiro: Não, ela não amava Stanley, mas era um fato comprovado que nem todos os casamentos por amor eram bem-sucedidos e, segundo o que ela ha-

via lido em algum lugar, os casamentos arranjados, predominantes em culturas tradicionais estrangeiras, não eram nem mais nem menos felizes do que os casamentos no Ocidente. Quarto: Não, ela não amava Stanley, mas a verdade era que não conseguia amar ninguém, não depois do Grande Amor que havia sentido por David, pois o Grande Amor só acontece uma vez na vida e, portanto, ela teria de aceitar algo abaixo do ideal se não quisesse passar o resto da vida sozinha. Quinto: Não havia nada em Stanley que a incomodasse ou que lhe causasse aversão. A ideia de fazer sexo com ele não a repelia. Sexto: Ele a amava loucamente e a tratava com bondade e respeito. Sétimo: Numa conversa hipotética entre ambos sobre o casamento, duas semanas antes, Stanley disse que as mulheres deviam ser livres para perseguir seus próprios interesses, que a vida delas não devia girar exclusivamente em torno dos maridos. Será que ele estava falando de trabalho?, perguntou Rose. Sim, de trabalho, respondeu — entre outras coisas. O que significava que casar com Stanley não acarretaria abandonar Schneiderman, que ela poderia continuar no emprego e aprender como ser fotógrafa. Oitavo: Não, ela não amava Stanley. Nono: Havia nele muitas coisas que Rose admirava, não havia dúvida de que, nele, o bom ultrapassava em muito o não tão bom, mas por que ele vivia dormindo durante os filmes? Estaria cansado das longas horas de trabalho em sua loja ou aquelas pálpebras pesadas sugeriam alguma falta de vínculo com o mundo dos sentimentos? Décimo: Newark! Seria possível morar lá? Décimo primeiro: Decididamente, Newark era um problema. Décimo segundo: Estava na hora de sair da casa dos pais. Ela estava velha demais para ficar naquele apartamento, agora, e por mais que se importasse com o pai e a mãe, desprezava ambos por sua hipocrisia — o pai, por ser um paquerador impenitente, e a mãe, por fingir ignorar aquilo. Outro dia mesmo, por puro acaso, quando Rose estava indo pegar um lanche na máquina de snacks perto do estúdio de Schneiderman, viu o pai andando de braços dados com uma mulher que ela nunca tinha visto, uma mulher quinze ou vinte anos mais jovem que ele, e Rose sentiu-se tão enojada e furiosa que teve vontade de correr até o pai e lhe dar um murro na cara. Décimo terceiro: Se casasse com Stanley, ela conseguiria, finalmente, superar Mildred em alguma coisa, ainda que não estivesse claro se Mildred tinha algum interesse por casamento. Por enquanto, a irmã parecia bem feliz pulando de um namoro curto para outro. Ótimo para Mildred, só que Rose não tinha o menor interesse em viver daquele jeito. Décimo quarto: Stanley ganhava dinheiro e, ao que parecia, agora ele ganharia mais dinheiro à medida que o tempo passasse. Havia consolo naquele pensamento, mas também alguma inquietação. Para manter os ganhos, era preciso pensar em dinheiro o tempo todo. Seria possível viver com um homem cuja única preocupação era a conta bancária? Décimo quinto: Stanley

achava que ela era a mulher mais linda de Nova York. Rose sabia que não era verdade, mas não tinha dúvida de que Stanley acreditava naquilo honestamente. Décimo sexto: Não havia mais ninguém no horizonte. Ainda que Stanley jamais pudesse ser outro David, era amplamente superior ao bando de bebês chorões que Nancy tinha posto em seu caminho. Pelo menos Stanley era maduro. Pelo menos Stanley nunca reclamava. Décimo sétimo: Stanley era judeu, da mesma forma que ela era judia, um membro leal da tribo, mas sem nenhum interesse em praticar a religião nem jurar obediência a Deus, o que significaria uma vida livre do estorvo do ritual e da superstição, nada mais do que os presentes no *Chanuká*, *matsá*, e as quatro perguntas uma vez por ano, na primavera, a circuncisão para um menino, se tiverem um filho menino, mas nada de preces, nada de sinagogas, nada de fingir acreditar naquilo em que ela não acreditava, naquilo em que eles não acreditavam. Décimo oitavo: Não, ela não amava Stanley, mas Stanley a amava. Talvez aquilo fosse o bastante para começar, um primeiro passo. Daí para a frente, quem poderia saber?

Passaram a lua de mel num resort na beira de um lago nos Adirondacks, uma semana de iniciação nos segredos da vida conjugal, curta mas interminável, pois cada momento parecia ter ganhado o peso de uma hora ou um dia, pela simples novidade de tudo que eles estavam vivendo, um período de nervos e de ajustes caprichosos, de pequenas vitórias e de revelações íntimas, durante o qual Stanley deu para Rose as primeiras aulas de direção e ensinou rudimentos de tênis, e depois voltaram para Newark e se instalaram no apartamento onde passariam os primeiros anos da vida em comum, um apartamento de dois quartos em Van Velsor Place, no setor Weequahic da cidade. O presente de casamento de Schneiderman para Rose foi um mês de férias pagas e, nas três semanas que precederam seu regresso ao trabalho, Rose aprendeu freneticamente a cozinhar, confiando exclusivamente no velho e encorpado manual de arte culinária americana que sua mãe lhe dera de presente de aniversário, *O livro de culinária do lar*, que tinha por subtítulo *O caminho para o coração de um homem*, um volume de seiscentas e vinte e três páginas compilado por Mrs. Simon Kander, que incluía “Receitas testadas pelas Cozinhas das Escolas Públicas de Milwaukee e por donas de casa experientes”. No início, os desastres foram numerosos, mas Rose sempre aprendeu depressa e, toda vez que decidia levar alguma coisa até o fim, em geral acabava conseguindo fazer isso com uma boa dose de sucesso, porém, mesmo naqueles primeiros dias de tentativa e erro, de carnes bem passadas demais e legumes moles, de tortas grudentas e purês de batatas embolotados, Stanley nunca lhe fizera nenhuma crítica. Por mais infame que fosse a refeição que Rose servia, ele mergulhava calmamente cada garfada na boca, mascava com apa-

rente prazer e depois, toda noite, toda noite sem nenhuma falta, erguia os olhos e dizia que estava uma delícia. Às vezes, Rose se perguntava se Stanley não estava caçoando dela ou se ele não estava distraído demais para notar a comida que ela havia servido, no entanto, assim como era com a comida que ela fazia, era também com tudo que dizia respeito à vida comum dos dois, e, quando Rose começou a prestar atenção, ou seja, a computar todas as circunstâncias de potencial discórdia entre ambos, ela chegou à conclusão chocante, absolutamente inimaginável, de que Stanley *nunca a criticava*. Para ele, Rose era uma criatura perfeita, uma mulher perfeita, uma esposa perfeita e, portanto, como numa proposição teológica que afirmava a inevitável existência de Deus, tudo que ela fazia, dizia e pensava era necessariamente perfeito, necessariamente tinha de ser perfeito. Depois de ter dividido um quarto com Mildred durante quase toda a vida, a mesma Mildred que pôs trancas nas suas gavetas da cômoda para impedir que a irmã caçula pegasse suas roupas emprestadas, a mesma Mildred que a chamava de *cabeça-oca* por ir ao cinema tantas vezes, Rose agora tinha de dividir o quarto com um homem que achava que ela era perfeita, e aquele homem, ainda por cima, naquele mesmo quarto, estava aprendendo rapidamente como apalpar seu corpo de todas as maneiras de que ela mais gostava.

Newark era um tédio, mas o apartamento era mais espaçoso e mais claro do que a casa dos pais, do outro lado do rio, e toda a mobília era nova (o melhor que a loja Mundo do Lar Três Irmãos tinha para oferecer, o que podia não ser o máximo, talvez, mas estava bom de sobra, por enquanto), e quando ela voltou a trabalhar com Schneiderman, a cidade continuou a ser uma parte fundamental de sua vida, a querida, suja e devoradora Nova York, a capital dos rostos humanos, a Babel horizontal das línguas humanas. A viagem diária para o trabalho consistia num ônibus vagaroso até o trem, um trajeto de vinte minutos de uma Penn Station até a outra, e depois uma breve caminhada até o estúdio de Schneiderman, mas ela não se importava de viajar, não quando havia tanta gente para observar, e ela gostava especialmente da hora em que o trem chegava a Nova York e parava, o que era sempre seguido por uma pausa breve, como se o mundo prendesse a respiração, numa expectativa muda, e depois as portas abriam e todo mundo saía depressa, vagão após vagão vomitava os passageiros para a plataforma, repentinamente lotada, e Rose se deliciava com a velocidade e a obstinação daquela multidão, todos em disparada na mesma direção, e ela era uma parte daquilo, estava no meio daquilo, em seu trajeto para o trabalho, junto com todo mundo. Aquilo fazia Rose se sentir independente, vinculada a Stanley, mas, ao mesmo tempo, por sua própria conta, o que vinha a ser um sentimento novo, um sentimento bom, e quando ela subia a rampa e se juntava a outra multidão ao ar livre,

tomava a direção da rua 27 Oeste, imaginando as pessoas diferentes que iriam ao estúdio fotográfico naquele dia, as mães e os pais com seus filhos recém-nascidos, os menininhos em uniformes de beisebol, os casais de idosos sentados lado a lado para o retrato de quarenta ou cinquenta anos de casamento, as meninas sorridentes com seus chapéus e vestidos, as mulheres dos clubes de mulheres, os homens dos clubes de homens, o policial novato em seu uniforme azul, e os soldados, é claro, sempre mais e mais soldados, às vezes com as esposas, as namoradas ou os pais, mas sobretudo sozinhos, soldados solitários que iam embora de Nova York, ou voltavam do front, ou estavam prestes a ir a algum lugar para matar ou serem mortos, e Rose rezava por todos eles, rezava para que todos voltassem com braços e pernas ainda presos a um corpo que ainda respirasse, rezava, toda manhã quando andava da Penn Station até a rua 27, para a guerra terminar logo.

Não havia nenhum grave arrependimento, então, nenhum remorso punitivo por ter aceitado o pedido de casamento de Stanley, mas o casamento, no entanto, veio acompanhado de algumas desvantagens, nenhuma das quais podia ser atribuída diretamente ao marido, porém, mesmo assim, ao se casar com ele, Rose tinha também se tornado parte da família dele e, toda vez que ela se via junto daquele trio de desajustados imaturos, Rose se perguntava como Stanley tinha conseguido sobreviver à sua infância sem ficar doido como eles. Antes de tudo, a mãe de Stanley, a ainda vigorosa Fanny Ferguson, então beirando os setenta anos, que tinha não mais do que um metro e cinquenta e sete ou cinquenta e oito de altura, uma criatura azeda, de cabelo branco, cara de rancor e nervosamente vigilante, que resmungava para si mesma quando ficava sentada sozinha no sofá, nas reuniões da família, sozinha porque ninguém se atrevia a se aproximar, sobretudo os cinco netos, com idades entre seis e onze anos, que pareciam francamente sentir um pavor mortal da avó, pois Fanny achava a coisa mais natural do mundo dar cascudos na cabeça deles toda vez que saíam da linha (se é que infrações como rir, gritar, pular, esbarrar nos móveis e dar arrotos podem ser consideradas sair da linha), e quando ela não conseguia chegar perto o bastante para disparar um cascudo, berrava com eles numa voz alta o suficiente para fazer trepidar o quebra-luz das luminárias. Na primeira vez em que Rose a viu, Fanny deu um beliscão na sua bochecha (forte o bastante para doer) e declarou que ela era uma menina de cara bonita. Depois, tratou de ignorar Rose durante o resto da visita, o que continuou a fazer em todas as ocasiões daí em diante, sem mais nenhuma interação entre as duas, além das formalidades vazias de dizer alô e até logo, mas como Fanny demonstrava a mesma indiferença com as outras duas noras, Millie e Joan, Rose não tomava aquilo de forma pessoal. Fanny só dava atenção a seus filhos, os filhos que a amparavam e, de modo obediente,

compareciam à sua casa toda noite de sexta-feira para jantar, mas as mulheres que se casaram com seus filhos não eram mais do que sombras para ela, e na maior parte do tempo tinha dificuldade de lembrar seus nomes. Nada disso incomodava muito Rose, cujas relações com Fanny eram esparsas e irregulares, mas os irmãos de Stanley eram outra história, pois trabalhavam para ele, e ele os encontrava todo dia, e depois que Rose assimilou o fato chocante de que eram dois dos homens mais bonitos que jamais tinha visto na vida, deuses masculinos que pareciam Errol Flynn (Lew) e Cary Grant (Arnold), ela passou a desenvolver uma forte antipatia por ambos. Rose tinha a impressão de que eram superficiais e desonestos; o mais velho, Lew, além de não ser inteligente, era ainda mais prejudicado por seu costume de apostar no resultado das partidas de beisebol e de futebol americano, e o caçula, Arnold, um semirretardado, um depravado com olhos insensíveis, que bebia demais e nunca perdia uma chance de tocar os braços e os ombros de Rose, de lhe apertar os braços e os ombros, que a chamava de *boneca*, *dondoca* e *belezura*, e que a enchia de uma repulsa que só fazia aumentar. Rose detestava a ideia de que Stanley tinha dado um emprego na loja para eles e detestava a maneira como os dois zombavam de Stanley pelas costas, ou mesmo na sua cara, o bom Stanley, que era cem vezes melhor do que eles, e mesmo assim o marido fingia não perceber, tolerava a baixeza, a preguiça e o escárnio dos irmãos, sem nenhuma palavra de protesto, mostrava tamanha indulgência que Rose chegava a se perguntar se não tinha, sem querer, se casado com um santo, uma dessas almas raras que nunca pensava nada de ruim de ninguém, e depois, de novo, ela raciocinava que talvez ele não fosse mais do que um frouxo, alguém que nunca aprendeu a se defender sozinho e a lutar. Com pouca ou nenhuma ajuda dos irmãos, ele havia construído o Mundo do Lar Três Irmãos como uma firma lucrativa, um grande e bem iluminado empório de poltronas e rádios, mesas de jantar e geladeiras, jogos de dormitório e liquidificadores, um negócio de grandes volumes, de qualidade mediana, que atendia uma clientela de renda mediana e baixa, uma esplêndida ágora do século xx, à sua maneira, mas depois de algumas visitas nas semanas que seguiram a lua de mel, Rose parou de ir à loja — não só porque voltara ao trabalho, como também porque, ali, entre os irmãos de Stanley, sentia-se incomodada, infeliz, inteiramente deslocada.

No entanto, sua decepção com a família era um pouco atenuada pelas esposas e pelos filhos dos irmãos, os Ferguson que não eram exatamente Ferguson, aqueles que não tinham vivido as calamidades que se abateram sobre Ike e Fanny e sua prole, e rapidamente Rose descobriu que tinha duas novas amigas, Millie e Joan. As duas eram mais velhas do que ela (trinta e quatro e trinta e dois), mas lhe deram as boas-vindas na tribo, como um membro em

igualdade de condições, com seu status plenamente reconhecido a partir do dia do casamento, o que queria dizer, entre outras coisas, que ela ganhou livre acesso a todos os segredos das cunhadas. Rose ficou especialmente impressionada com Millie, que falava depressa e fumava sem parar, uma mulher tão magra que parecia ter arames, e não ossos, por baixo da pele, uma pessoa sagaz e cheia de opiniões, que compreendia com que tipo de homem tinha se casado, Lew, no entanto, por mais que permanecesse fiel a seu marido libertino e intrigante, isso não a impedia de despejar uma torrente contínua de tiradas irônicas sobre ele, apartes acerbos e tão mordazes que Rose, às vezes, era obrigada a sair da sala, com medo de rir alto demais. Ao lado de Millie, Joan era uma espécie simplória, mas de coração tão afetuoso e generoso que ainda não havia ocorrido a ela que tinha se casado com um asno e, no entanto, que boa mãe era ela, Rose sentia, tão meiga, paciente e cuidadosa, ao passo que a língua afiada de Millie muitas vezes a levava a brigas com os filhos, que eram menos comportados do que os de Joan. Os dois filhos de Millie eram Andrew, de onze anos, e Alice, de nove; os três filhos de Joan eram Jack, de dez anos, Francie, de oito, e Ruth, de seis. Todos despertavam a simpatia de Rose, de maneiras diferentes, exceto Andrew, talvez, que parecia ter um lado beligerante e bruto, o que acarretava frequentes broncas de Millie por causa dos socos que ele dava em sua irmãzinha, mas aquela de quem Rose mais gostava era Francie, sem nenhuma dúvida era Francie, Rose não conseguia evitar, a criança era tão linda, tão extraordinariamente viva, e quando elas se conheceram foi como se tivessem se apaixonado à primeira vista; Francie, alta, de cabelo castanho, correu para os braços de Rose e disse tia Rose, minha nova tia Rose, você é tão bonita, tão, tão bonita, e agora a gente vai ser amiga para sempre. Então começou, e depois continuou, o fascínio de uma pela outra, e havia no mundo poucas coisas melhores, Rose sentia, do que Francie subir no seu colo, quando estavam todas sentadas ao redor da mesa, e começar a conversar com Francie sobre a escola ou sobre o último livro que tinha lido ou sobre o amiguinho que tinha dito algo feio para ela ou sobre a roupa que sua mãe ia comprar de presente de aniversário. A menininha relaxava na maciez de almofada do corpo de Rose, e, enquanto ela falava, Rose lhe acariciava a cabeça ou a bochecha ou as costas e, dali a pouco, Rose tinha a sensação de que estava flutuando, de que as duas tinham deixado a sala, a casa, a rua, e estavam flutuando juntas pelo céu. Sim, aquelas reuniões de família podiam ser medonhas, porém havia compensações, também, pequenos milagres inesperados que ocorriam nos momentos mais improváveis, pois os deuses eram irracionais, concluiu Rose, e distribuíam seus dons entre os humanos onde e quando bem entendessem.

Rose queria ser mãe, dar à luz uma criança, engravidar de uma criança,



ter dentro de si outro coração batendo. Nada era mais importante do que isso nem mesmo seu trabalho com Schneiderman nem mesmo seu projeto de longo prazo, e ainda mal definido, de um dia se lançar como fotógrafa por conta própria, de abrir um estúdio com seu nome no letreiro acima da porta da frente. Essas ambições não significavam nada quando ela as comparava com o mero desejo de trazer ao mundo uma pessoa nova, seu próprio filho, ou filha, seu próprio bebê, e ser mãe para essa pessoa, pelo resto da vida. Stanley fez sua parte, fazia amor com ela sem proteção e a engravidou três vezes nos primeiros dezoito meses do casamento, mas nas três vezes Rose abortou, nas três vezes no terceiro mês de gravidez, e, quando comemoraram o segundo aniversário de casamento, em abril de 1946, continuavam sem filhos.

Os médicos diziam que não havia nada de errado com ela, que Rose tinha boa saúde e, mais cedo ou mais tarde, levaria a gravidez até o fim, mas aquelas perdas eram um grande peso para Rose, e, enquanto cada bebê não nascido sucedia outro, enquanto um fracasso levava a outro, ela começou a ter a sensação de que estava sendo despojada da própria condição de mulher. Chorava durante dias, após cada debacle, chorava como não havia chorado desde os meses seguintes à morte de David, e a normalmente otimista Rose, a resistente e sagaz Rose, tombava numa depressão de amargura e autopiedade. Se não fosse Stanley, era impossível prever até que ponto teria se afundado, mas ele continuava firme e controlado, não se abalava com as lágrimas da esposa e, após cada bebê perdido, garantia a ela que era só um revés temporário e que, no final, tudo ia dar certo. Rose se sentia tão próxima dele quando Stanley lhe falava desse modo, tão agradecida por sua bondade, tão imensamente amada. Ela não acreditava em nenhuma palavra que ele dizia, é claro — como poderia acreditar, quando todos os indícios mostravam que ele estava errado? —, mas ouvir aquelas mentiras consoladoras a tranquilizava. No entanto, ficava intrigada com a calma com que ele aceitava o anúncio de cada aborto, com a maneira como se mantinha imperturbável com as brutais e sangrentas expulsões de seus filhos não nascidos do corpo de Rose. Será possível, ela se perguntava, que Stanley não compartilhasse seu desejo de ter filhos? Talvez ele nem mesmo soubesse que sentia isso, mas e se ele, em segredo, desejava que as coisas se passassem daquela forma para que pudesse ter Rose toda só para si, uma esposa sem lealdades divididas, sem nenhuma divisão entre pai e filho em seus afetos? Ela nunca se atreveu a expressar tais pensamentos para Stanley, nunca sonharia em ofender o marido com tais suspeitas sem fundamento, mas a dúvida persistia dentro dela e Rose se perguntava se ele não era bom até demais no desempenho de suas funções de filho, irmão e marido e que, se fosse mesmo esse o caso, talvez não houvesse mais espaço para desempenhar o papel de pai.

No dia 5 de maio de 1945, três dias antes de a guerra na Europa terminar, tio Archie morreu de ataque do coração. Tinha quarenta e nove anos, uma idade grotescamente jovem para qualquer pessoa morrer e, para tornar as circunstâncias ainda mais grotescas, o enterro ocorreu no Dia da Vitória, o que significa que, depois que a atordoada família Adler saiu do cemitério e voltou para o apartamento de Archie na avenida Flatbush, no Brooklyn, as pessoas estavam dançando nas ruas do bairro, tocando as buzinas dos carros e gritando numa felicidade rouca para celebrar o fim de metade da guerra. O barulho prosseguiu durante horas, enquanto a esposa de Archie, Pearl, e suas filhas gêmeas de dezenove anos, Betty e Charlotte, e os pais e as irmãs de Rose, e Rose e Stanley, e os quatro membros sobreviventes do Downtown Quintet, e mais uma dúzia de amigos, parentes e vizinhos se mantinham sentados ou de pé no apartamento silencioso, com as persianas abaixadas. A boa notícia que eles tanto haviam esperado parecia zombar do horror da morte de Archie, e as vozes que cantavam em júbilo lá fora davam a sensação de um sacrilégio sem compaixão, como se todo o distrito do Brooklyn dançasse em cima da sepultura de Archie. Foi uma tarde que Rose nunca mais esqueceu. Não só por causa de sua própria dor, que já era marcante de sobra, como também porque Mildred ficou tão perturbada que bebeu sete uísques e apagou no sofá, e também porque foi a primeira vez na vida que ela viu o pai perder o controle e chorar. Foi também a tarde em que Rose disse para si mesma que, se um dia tivesse a sorte de ter um filho, daria a ele o nome de Archie.

As grandes bombas caíram em Hiroshima e Nagasaki em agosto, a outra metade da guerra terminou e, em meados de 1946, dois meses depois do segundo aniversário de casamento de Rose, Schneiderman disse que pretendia se aposentar em breve e procurava alguém para comprar seu estúdio fotográfico. Como ela havia feito muitos progressos nos anos em que os dois trabalharam juntos, disse ele, como havia se transformado numa fotógrafa hábil e competente, àquela altura, Schneiderman pensou se ela não teria interesse em tomar seu lugar. Era o maior elogio que tinha ouvido dele. No entanto, apesar de lisonjeada, Rose sabia que era o momento errado, pois ela e Stanley, havia um ano, vinham economizando todo dinheiro extra para comprar uma casa nos subúrbios, uma casa para uma família, com quintal, árvores e uma garagem para dois carros, e não podiam se dar ao luxo de comprar a casa e também o estúdio. Disse para Schneiderman que teria de conversar com o marido, o que ela fez prontamente, naquela noite, depois do jantar, esperando com certeza que Stanley lhe dissesse que era uma coisa fora de questão, mas ele a pegou de surpresa, dizendo que a escolha era dela, que se quisesse abandonar a ideia da casa, podia ter o estúdio, contanto que o preço fosse algo que pudessem pagar. Rose ficou espantada. Sabia que Stanley queria, de todo

coração, comprar a casa e, de repente, ele dizia que o apartamento estava ótimo, que ele não se importava de morar ali por mais alguns anos, e tudo isso não era verdade, e como ele estava mentindo para ela desse jeito, mentindo porque adorava Rose e queria que ela realizasse o seu desejo, algo mudou dentro de Rose naquela noite e ela compreendeu que estava começando a amar Stanley, amar de verdade, e se a vida continuasse daquele jeito por muito tempo, talvez fosse até possível que se apaixonasse por ele, que fosse abatida por um impossível segundo Grande Amor.

Não vamos ser imprudentes, disse ela. Eu também tenho sonhado com essa casa e pular de assistente para patrão é um passo muito grande. Não tenho certeza de que conseguiria dar conta do recado. Será que podemos refletir por um tempo?

Stanley concordou em refletir por um tempo. Quando Rose encontrou Schneiderman no trabalho, na manhã seguinte, ele também concordou em dar um tempo para ela refletir e, dez dias depois que começou a refletir, Rose descobriu que estava grávida de novo.

Durante os meses anteriores, Rose estava consultando um médico novo, um homem em quem ela confiava, chamado Seymour Jacobs, um médico bom e inteligente, ela achou, que a escutava com cuidado e não se apressava a tirar conclusões, e, por causa do histórico de três abortos espontâneos, Jacobs fez questão de que ela parasse de ir para Nova York todo dia para seu emprego, exigiu que não trabalhasse durante a gravidez e que se confinasse no apartamento e ficasse na cama pelo maior tempo que pudesse. Ele entendia que essas medidas pareciam drásticas e que tinham um toque de coisa antiquada, mas estava preocupado com Rose, e aquela podia ser a última boa chance para ela ter um filho. *Minha última chance*, pensou Rose, enquanto ouvia o médico de quarenta e dois anos, de nariz grande e olhos castanhos e afetuosos, explicar como ela devia fazer para conseguir ser mãe. Nada de fumar nem beber, acrescentou. Uma dieta rigorosa, de muita proteína, suplementos de vitamina todos os dias e uma rotina de exercícios especiais. Ele iria visitá-la em casa uma vez por semana e, assim que ela sentisse a mais leve pontada de dor, pegaria o telefone e discaria seu número. Estava tudo claro?

Sim, estava tudo claro. E assim terminou o dilema de comprar uma casa ou comprar o estúdio, o que, por sua vez, pôs um fim a seus dias com Schneiderman, sem falar que interrompeu seu trabalho de fotógrafa e virou sua vida de pernas para o ar.

Rose ficou exultante e confusa. Exultante de saber que ainda tinha uma chance; confusa porque não sabia como ia encarar o que redundava em sete meses de prisão domiciliar. Seria preciso fazer um número infinito de adaptações, não só por ela, mas também por Stanley, pois agora ele teria de fazer

as compras e cuidar da parte principal da cozinha, pobre Stanley, que trabalhava tanto e já gastava tantas longas horas e agora teria a despesa adicional de contratar uma faxineira para limpar o apartamento e lavar as roupas, uma ou duas vezes por semana; quase todos os aspectos da vida cotidiana seriam modificados, o horário de Rose despertar seria controlado, dali para a frente, por uma infinidade de restrições e proibições, nada de levantar objetos pesados, nada de empurrar móveis, nada de fazer força para abrir uma janela emperrada durante uma onda de calor no verão, Rose teria de manter uma vigilância atenta sobre si mesma, tornar-se consciente de milhares de coisas pequenas e grandes que ela sempre fez de maneira automática e, é claro, não haveria mais tênis (que ela passou a adorar) nem natação (que ela adorava desde a infância). Em outras palavras, a Rose atlética, vigorosa, sempre em movimento, que se sentia mais plenamente identificada consigo mesma quando empenhada em alguma atividade intensa, veloz, que consumia suas energias, teria de aprender a ficar parada.

Entre todas as pessoas, foi Mildred que a livrou da perspectiva do tédio terminal, que interveio e transformou aqueles meses de imobilidade no que Rose, mais tarde, descreveria para seu filho como *uma grande aventura*.

Você não pode ficar sentada no apartamento o dia inteiro escutando o rádio e vendo essa maluquice de televisão, disse Mildred. Por que não pôr esse seu cérebro para trabalhar, para variar, e recuperar o tempo perdido?

Recuperar o tempo perdido?, disse Rose, sem entender o que Mildred estava dizendo.

Talvez você não perceba, disse a irmã, mas seu médico lhe deu um dom extraordinário. Ele transformou você numa prisioneira, e a única coisa que os prisioneiros têm e as outras pessoas não têm é tempo, uma quantidade interminável de tempo. Leia livros, Rose. Comece a se educar. Esta é sua chance e, se quiser minha ajuda, darei de muito bom grado.

A ajuda de Mildred veio na forma de uma lista de leitura, de várias listas de leitura durante os meses que seguiram e, com os cinemas temporariamente fora de alcance, pela primeira vez na vida Rose satisfez sua fome de histórias com romances, bons romances, não romances policiais e best-sellers que ela poderia ter encontrado sozinha, mas os livros que Mildred recomendava, clássicos, é claro, mas sempre escolhidos com Rose em mente, livros que Mildred achava que a irmã ia apreciar, o que significava que *Moby Dick* e *Ulysses* e *A montanha mágica* nunca estavam em nenhuma das listas, pois esses seriam intimidadores demais para a pouco experiente Rose, mas havia muitos outros para escolher e, à medida que os meses avançavam e o bebê dentro dela crescia, Rose passava seus dias nadando nas páginas dos livros, e, embora houvesse algumas poucas decepções entre as dúzias de livros lidos (O

sol também se levanta, por exemplo, que lhe pareceu falso e raso), quase todos os outros a seduziram e a mantiveram entretida, do início ao fim, entre eles *Suave é a noite*, *Orgulho e preconceito*, *A casa da felicidade*, *Moll Flanders*, *Feira das vaidades*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Madame Bovary*, *A cartuxa de Parma*, *Primeiro amor*, *Dublinenses*, *Luz em agosto*, *David Copperfield*, *Middlemarch*, *Washington Square*, *A letra escarlata*, *Rua principal*, *Jane Eyre* e inúmeros outros, mas de todos os escritores que ela descobriu durante seu confinamento, foi Tolstói que lhe disse mais, o demônio Tolstói, que compreendia tudo da vida, era o que lhe parecia, tudo o que havia para saber sobre o coração humano e a mente humana, pouco importava se o coração ou a mente fosse de um homem ou de uma mulher, e como era possível, ela se perguntava, que um homem soubesse o que Tolstói sabia sobre mulheres, não fazia nenhum sentido que um homem pudesse ser todos os homens e todas as mulheres, e assim ela percorreu a maior parte do que Tolstói havia escrito, não só os grandes romances *Guerra e paz*, *Anna Kariênina* e *Ressurreição*, mas as obras mais curtas também, as novelas e os contos, nenhum mais poderoso para ela do que *Felicidade conjugal*, de cem páginas, a história de uma jovem noiva e sua gradual desilusão, uma obra que a tocou tão de perto que Rose chorou no final e, quando Stanley voltou para o apartamento naquela noite, ficou alarmado de ver a esposa naquele estado, pois, embora tivesse terminado de ler o livro às três da tarde, seus olhos continuavam cheios de lágrimas.

O bebê era esperado para o dia 16 de março de 1947, mas às dez da manhã do dia 2 de março, umas duas horas depois de Stanley sair para o trabalho, Rose, ainda de roupão e recostada na cabeceira da cama com *Um conto de duas cidades* apoiado na vertente norte da sua barriga enorme, sentiu uma súbita pressão na bexiga. Achando que tinha de urinar, lentamente se desvencilhou do lençol e do cobertor, moveu devagar sua massa montanhosa até a beira da cama, colocou os pés no chão e se levantou. Antes que pudesse dar um passo na direção do banheiro, sentiu o jorro de um líquido quente descer pelas faces internas das coxas. Rose não se mexeu. Estava de frente para a janela e, quando olhou para fora, viu que uma neve fina e enevoada caía do céu. Como tudo pareceu parado, naquele momento, disse para si mesma, era como se nada no mundo se movesse, a não ser a neve. Sentou-se na cama outra vez e ligou para o Mundo do Lar Três Irmãos, mas a pessoa que atendeu disse que Stanley estava na rua a trabalho e só ia voltar depois do almoço. Então ligou para o dr. Jacobs, cuja secretária informou que ele tinha acabado de sair para um atendimento domiciliar. Agora, com certo pânico, Rose disse para a secretária para avisar o médico que ela estava a caminho do hospital, e então discou para o número de Millie. Sua cunhada atendeu no terceiro toque da campainha e assim foi Millie quem veio pegá-la. Durante o breve

percurso até a maternidade Beth Israel, Rose disse que ela e Stanley já tinham escolhido os nomes para a criança que ia nascer. Se fosse menina, se chamaria Esther Ann Ferguson. Se fosse menino, ele ia atravessar a vida como Archibald Isaac Ferguson.

Millie olhou pelo espelho retrovisor e examinou Rose, que estava esparramada no banco traseiro. Archibald, disse ela. Tem certeza desse nome?

Temos, sim, respondeu Rose. Por causa do meu tio Archie. E Isaac, por causa do pai de Stanley.

Vamos torcer para que seja uma criança forte, disse Millie. Estava prestes a falar mais alguma coisa, porém, antes que pudesse tirar qualquer outra palavra da boca, chegaram à entrada do hospital.

Millie cumpriu as formalidades da internação e, quando Rose deu à luz seu filho, às duas horas e sete minutos da manhã seguinte, todos estavam no hospital: Stanley e os pais dela, Mildred e Joan, e até a mãe de Stanley. Assim nasceu Ferguson e, durante alguns segundos, depois que ele emergiu do corpo da mãe, foi o ser humano mais jovem na face da Terra.

## 1.1

O nome de sua mãe era Rose e, quando ele estivesse grande o bastante para amarrar o cadarço do sapato sozinho e parasse de fazer xixi na cama, ia se casar com ela. Ferguson sabia que Rose já era casada com seu pai, mas seu pai era um velho, e dali a pouco tempo ele ia morrer. Quando acontecesse, Ferguson ia se casar com a mãe e, dali em diante, o nome de seu marido ia ser Archie, e não Stanley. Ele ia ficar triste quando o pai morresse, mas não triste demais, não ia ficar triste a ponto de chorar. Lágrimas eram para os bebezinhos, e ele não era mais nenhum bebezinho. Havia momentos em que as lágrimas ainda saíam de seus olhos, é claro, mas só quando caía e se machucava, e se machucar não contava.

As melhores coisas do mundo eram sorvete de baunilha e ficar pulando em cima da cama dos pais. As piores coisas do mundo eram dor de barriga e febre.

Agora ele sabia que balinhas azedas eram perigosas. Por mais que gostasse de chupar, entendeu que nunca mais devia colocar essas balinhas na boca. Eram muito escorregadias e ele não conseguia deixar de engolir, e, como eram grandes demais para descer até o fundo, ficavam agarradas na traqueia e a respiração se tornava difícil. Ele jamais ia esquecer como se sentiu mal no dia em que começou a sufocar, mas aí sua mãe entrou correndo no quarto, suspendeu-o do chão, virou seu corpo de pernas para o ar e, segurando-o no alto pelos pés, bateu com a outra mão nas suas costas até a balinha azeda pular pela sua boca e quicar no chão. Sua mãe disse: *Nunca mais você vai chupar*